

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

JAQUELINE GARSKE FERREIRA

DAMARES ALVES E A OFENSIVA CONTRA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA MASCARADA PELA "IDEOLOGIA DE
GÊNERO"

PORTO ALEGRE

2022

JAQUELINE GARSKE FERREIRA

DAMARES ALVES E A OFENSIVA CONTRA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA MASCARADA PELA "IDEOLOGIA DE
GÊNERO"

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como requisito para a obtenção do título de
Licenciado em Ciências Sociais.
Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Fabiene Gama

PORTO ALEGRE

2022

JAQUELINE GARSKE FERREIRA

DAMARES ALVES E A OFENSIVA CONTRA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA MASCARADA PELA "IDEOLOGIA DE
GÊNERO"

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como requisito para a obtenção do título de
Licenciado em Ciências Sociais.
Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Fabiene Gama

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Fabiene Gama (orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Profa. Dra. Rochele Fellini Fachinetto
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Ma. Bruna Dalmaso-Junqueira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Não posso começar os agradecimentos sem mencionar primeiro as pessoas mais importantes na minha vida: minha mãe e meu pai, Nara e Jorge. É difícil agradecer por tudo que vocês fizeram por mim, mas obrigada por sempre confiarem e acreditarem em mim e por todos os sacrifícios para que eu tivesse uma educação de qualidade.

Agradeço à minha orientadora de TCL, Fabiene Gama, por ter aceitado essa jornada e por me mostrar seu olhar sobre esse tema, pois me permitiu olhar por outros ângulos e isso enriqueceu tanto a mim quanto a esse trabalho.

Agradeço à minha orientadora de Iniciação Científica, Iana Gomes de Lima, por tantos anos de pesquisa e de parceria. Uma das melhores decisões que tomei na vida foi tomar coragem no final de uma aula para te perguntar se estava precisando de um bolsista. Agradeço também ao grupo de pesquisa por todos os debates, ensinamentos, risadas e apoio. Tem um pouco de cada um nesse trabalho.

Agradeço também a todos os meus amigos, com quem eu podia falar sobre os estresses de um TCL e também com quem eu podia me desligar sobre isso.

Agradeço ao meu gato Diego, porque apesar de ele nunca poder ler isso aqui, seu amor e companheirismo foram fundamentais nesses últimos tempos.

Agradeço ao meu namorado Luis, por ser exatamente do jeito que ele é e por todo o companheirismo e amor.

RESUMO

Este trabalho tem como intuito analisar as falas e ações de Damares Alves sobre a “ideologia de gênero” através da análise do conteúdo das entrevistas dadas por ela, palestras, eventos oficiais, redes sociais etc. Essas falas traçam o perfil de uma mulher conservadora que entende que a “ideologia de gênero” está impregnada nas escolas, principalmente públicas, e está confundindo a cabeça de crianças e jovens, além de desrespeitar os valores da família tradicional e do papel dos professores e da educação. Os trabalhos de Apple (2003), Biroli, Vaggione e Machado (2020), Miskolci (2007), dentre outros foram fundamentais para entender a lógica por trás desse discurso. Como conclusão, são vistas diversas contradições nos discursos e ações de Damares, além de um ataque incisivo contra uma educação pública, inclusiva, plural e democrática.

Palavras-chave: Conservadorismo. Ideologia de gênero. Damares Alves. Educação. Política.

ABSTRACT

This work aims to analyze the speeches and actions about “gender ideology” made by Damares Alves through the analysis of interviews given by her, lectures, official events, social networks etc. These speeches trace the profile of a conservative woman who perceives that “gender ideology” is permeating especially public schools and it’s messing with the heads of kids and teenagers, while also not respecting the values of the traditional family and the roles of teachers and the education system. The works of Apple (2003), Biroli; Vaggione and Machado (2020), Miskolci (2007), among others, were fundamental to understanding the logic behind this speech. As a conclusion, many contradictions are seen in the speeches and actions of Damares, as well as an incisive attack against a public, inclusive, plural and democratic education.

Key words: Conservatism. Gender ideology. Damares Alves. Education. Politics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Livro “Manual prático de bruxaria em onze lições”	19
Figura 2 — Livro “O grande e maravilhoso livro das famílias”	20
Figura 3 — Cartilha “O Gatão e seus Amigos”	31

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	DAMARES ALVES E A “IDEOLOGIA DE GÊNERO”	10
2.1	DAMARES ALVES, DOS BASTIDORES AO MINISTÉRIO.....	10
2.2	A ASCENSÃO DA “IDEOLOGIA DE GÊNERO” NO BRASIL.....	14
3	CRÍTICAS AOS LIVROS DIDÁTICOS E À EDUCAÇÃO SEXUAL	17
4	A OFENSIVA CONTRA A BNCC E A COMUNIDADE LGBTQIA+	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
6	REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho é feita uma análise das falas e das ações de Damares Alves, pastora, advogada e ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do governo Bolsonaro (2019 - 2022), sobre a “ideologia de gênero” nas escolas brasileiras. A coleta de dados se fez através dos meus aprendizados como bolsista de iniciação científica, pois uma de minhas tarefas era pesquisar sobre atores e suas falas sobre o Escola sem Partido. Assim, a coleta para esse TCL seguiu o mesmo caminho da pesquisa sobre esses atores: pesquisar no Google “Damares Alves” e ver o que estava se falando sobre ela e, mais importante, o que ela estava falando. Depois, selecionei diversas notícias, entrevistas, palestras, cultos, discursos em eventos oficiais do governo, posts de redes oficiais de Damares Alves etc. O material foi analisado e, de acordo com sua utilidade para esse TCL, foi sendo colocado em uma planilha com títulos, datas e falas que considerei importante, e esse material foi sendo consultado durante toda a construção desse trabalho.

A escolha por esse assunto também remonta da minha pesquisa como bolsista de IC desde 2019, em que analiso o Movimento Escola Sem Partido (MESP) e os atores que disseminam essa pauta em nível nacional. A “ideologia de gênero”, inclusive, foi uma pauta cultivada pelo ESP como forma de angariar maior apoio da população, o que se mostrou extremamente efetivo. Damares Alves, defensora do ESP e da educação domiciliar, trilhou uma jornada na educação apoiando muitos ideais desses movimentos, conforme será mostrado ao longo deste trabalho.

No primeiro capítulo, faço uma breve introdução sobre Damares Alves e suas ações na política, além de traçar o aumento da popularidade da “ideologia de gênero” no Brasil, acionada em momentos cruciais nas pautas educacionais. No segundo capítulo, abro citando o livro “La “ideologia de género”: El género como herramienta de poder” do argentino Jorge Scala (2011), uma obra considerada muito importante para os críticos da “ideologia de gênero” na América Latina e que traz muitas das argumentações sobre os supostos perigos da “ideologia de gênero”. Desses "perigos", Damares focará nos livros didáticos e na ideia de que os cristãos estão sendo “deixados de lado” pelo Estado. Faz-se uso do conceito de pânico moral para explicar como essa pauta foi acionada e amplificada por seus apoiadores. Também comento sobre como Damares enxerga a educação sexual atual no Brasil e o que seria a educação sexual adequada para ela, focando em seu apoio pela abstinência sexual e pela ofensiva contra a escola pública.

No último capítulo, analiso um documento sobre a versão homologada da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, publicado no site “De olho no livro didático” sob um viés conservador cristão construído por quatro atores, dentre eles Damares Alves, sugerindo mudanças drásticas para a BNCC, como a inclusão do ensino da teoria criacionista e da retirada de termos como “desnaturalizar” e “problematizar”. Também é analisada uma palestra dada por Damares em 2016 em que é continuada sua ofensiva contra os materiais didáticos, desta vez usando materiais que nem sequer foram feitos para uso escolar, além de trazer materiais sem qualquer informações que permitam verificar suas denúncias. Muitas de suas acusações giram em torno de experiências sobre a sexualidade, em especial a homossexualidade e a bissexualidade. Elas também apontam para contradições entre suas falas e ações voltadas para a comunidade LGBTQIA+.

2 DAMARES ALVES E A “IDEOLOGIA DE GÊNERO”

2.1 DAMARES ALVES, DOS BASTIDORES AO MINISTÉRIO

Antes de me debruçar sobre a relação entre “ideologia de gênero”, educação e Damares Alves, é preciso fazer uma breve apresentação sobre sua pessoa e sua jornada como pastora, advogada e ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos desde 2019 sob o governo Bolsonaro. Seus posicionamentos conservadores e religiosos, principalmente quanto às questões de gênero e da comunidade LGBTQIA+ podem ser traçados desde muitos anos atrás e mostram que sua atuação como ministra é realizada a partir de sua experiência nos bastidores da política e nos templos da Igreja.

Damares Regina Alves nasceu em Paranaguá, no Paraná, em 11 de março de 1964 e mudou-se com sua família para o nordeste quando criança e depois para o interior de São Paulo. Seu pai, o pastor Henrique Alves, foi um dos fundadores da Igreja do Evangelho Quadrangular, espalhando cerca de 85 templos pelo Brasil. Damares o acompanhava em suas pregações e sob influência dele também se tornou pastora. Ela ministrou cultos na Igreja do Evangelho Quadrangular e na Igreja Batista da Lagoinha, ambas neopentecostais. Em sua juventude, formou-se em direito pela FADISC (Faculdade Integradas de São Carlos), descredenciada pelo MEC em 2011, e tirou sua carteirinha da OAB em 1993. Atuou na Secretaria Municipal de Turismo em São Carlos durante o governo do prefeito Vadinho de Guzzi (PTB) de 1989 até 1992 e tornou-se auxiliar parlamentar júnior em Brasília em 1999, trabalhando no gabinete do seu tio e deputado Josué Bengtson (PTB), também pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular.

Desde então, trabalhou como assessora parlamentar para diversos parlamentares da bancada evangélica e atuou junto à Frente Parlamentar Evangélica (FPE) e a Frente Parlamentar da Família e Apoio à Vida (FPFAV). A FPE foi criada em 2003 e tem como missão examinar as políticas públicas governamentais e combater projetos “prejudiciais” à sociedade, como a “desconstrução” da família e o direito ao aborto. De acordo com Binde (2018), o foco da Frente Parlamentar se dá em questões relacionadas ao aborto, a homossexualidade e a interesses religiosos corporativos. Já a FPFAV foi criada em 2015, empenhada na defesa da liberdade de pensamento e contra quaisquer sanções para pessoas contrárias à “ideologia homossexual”, além da defesa da família que eles consideram como “natural” (heterossexual). Damares também foi uma das criadoras do movimento Brasil sem Aborto e da Associação Nacional de Juristas Evangélicos (ANAJURE). A ANAJURE tem

como missão a defesa das liberdades civis e a promoção dos deveres e direitos humanos com o amparo dos princípios do cristianismo e do Estado Democrático de Direito.

Há cerca de 15 anos Damares adotou uma menina de seis anos chamada Kajutiti Lulu Kamayurá, da aldeia Kamayurá no Xingu, no norte do Mato Grosso. A adoção nunca foi formalizada legalmente e houveram denúncias dos indígenas da aldeia de que Lulu teria sido levada para uma consulta ao dentista por uma amiga de Damares, Márcia Sukuki, e nunca mais retornado para casa. Em entrevista Damares afirma que Lulu retornou ao Xingu para visitas, informação negada pelos indígenas da aldeia Kamayurá (ÉPOCA, 2019).

Era assessora do senador Magno Malta (PL) desde 2015, quando foi convidada por Jair Bolsonaro (PSL) para ser ministra do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, cargo que assumiu em 2019. Para Damares, o convite veio pelo reconhecimento de seu trabalho ao longo dos anos.

Como uma mulher evangélica pentecostalista, é importante destacar o que isso significa no Brasil. Os grupos evangélicos que mais crescem no país são os pentecostais. De acordo com uma pesquisa do Datafolha de 2019, a representação de evangélicas era de 58%, sendo superior a representação de 52% de mulheres na população geral brasileira (BIROLI; VAGGIONE; MACHADO, 2020). Em várias denominações pentecostais, como a Evangelho Quadrangular onde Damares iniciou sua carreira como pastora, a participação feminina é ainda maior do que em outros setores evangélicos. Em entrevista para a revista Veredas em 2020, ao ser perguntada sobre como foi sua entrada no ministério pastoral, Damares respondeu:

Eu pertenci à Igreja do Evangelho Quadrangular. Essa igreja foi fundada, em 1920, por uma mulher em Los Angeles (Estados Unidos), então essa é uma das primeiras igrejas no mundo que ordenava mulheres pastoras, tendo inclusive sido fundada por uma pastora. Quando chegou no Brasil, ela já chegou ordenando mulheres. Então eu já estava no contexto em que era natural as mulheres serem ordenadas pastoras daquela igreja. (ALVES, 2020)

A presença das mulheres em posições altas pode parecer contraditória de início, mas Apple (2003) mostra alguns motivos por trás dessa decisão:

Historicamente as próprias Igrejas criaram um espaço para as mulheres se afirmarem como autoridade *em público*. [...] Numa estrutura familiar em que “é da vontade de Deus” que o homem seja a liderança e que as mulheres devem ser submissas e/ou auxiliares, as Igrejas evangélicas criaram uma arena pública para as mulheres exercerem sua inteligência, capacidade de julgamento, fortaleza e poder” (APPLE, p. 156, grifo do autor).

Apesar de estar descrevendo o cenário estadunidense, a explicação de Apple (2003) também pode ser vista no Brasil, principalmente ao olhar para os dados trazidos por Biroli, Vaggione e Machado (2020). A maior participação das mulheres como autoridades em público é uma forma de estreitar relações com o público feminino, de mostrar para os cristãos e não-cristãos que a mulher é valorizada e respeitada nesse espaço e de fazer com que pautas da família, da educação e do lar sejam mais facilmente incorporadas pelas famílias cristãs através das mulheres evangélicas.

Dameres, para os evangélicos conservadores, é um exemplo de mulher evangélica que participa ativamente das pautas da família e da educação, seja como pastora ou como ministra. Ela tem uma atuação forte nas questões contra o aborto, pró-família e no combate à “ideologia de gênero”. Antes mesmo de ser ministra, ela tentou impedir o aborto de uma jovem paciente evangélica que precisaria abortar para realizar o tratamento contra um câncer de pulmão. Após o Tribunal de Justiça de Goiás autorizar a jovem a realizar o procedimento, Dameres Alves tentou anular a decisão do TJ através de uma medida liminar no Superior Tribunal de Justiça, sem sucesso. Já como ministra, tentou impedir o aborto de uma menina de 10 anos, vítima de estupro, de acordo com o Jornal Folha de São Paulo (2020).

Mas o que seria um país pró-família e contra a “ideologia de gênero” para Dameres Alves? Através de suas falas, podemos entender os significados por trás dessas agendas. Conforme dito em sua cerimônia de posse, “o Estado é laico, mas esta ministra é terrivelmente cristã” (G1, 2019), o que já dava sinais sobre seus posicionamentos em pautas sociais. Em seu discurso na Cúpula da Demografia em Budapeste, em setembro de 2019, organizado pelo governo de extrema-direita de Viktor Orbán, ela disse que hoje o Brasil é liderado “por um incrível homem que quer trazer o Brasil para o cenário mundial como um país pró-família e pró-vida” (PODER360, 2019). Como ministra pró-família, apesar de algumas poucas falas em defesa da comunidade LGBTQIA+, Dameres se contradiz nesse ponto ao defender somente um tipo de família. Em palestra disponibilizada no Youtube no canal do deputado Arolde de Oliveira (PSD), de quem Dameres foi assessora de 2012 a 2015, ela discursava sobre a “desconstrução da família tradicional”.

Para isso, ela fez referência ao Decreto Presidencial 7037/2009, que diz:

“Reconhecer e incluir nos sistemas de informação do serviço público todas as configurações familiares constituídas por lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, com base na desconstrução da heteronormatividade.” (BRASIL, 2009)

Segundo Miskolci (2012):

A heteronormatividade seria a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual ou - mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto - para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida. Gays e lésbicas normalizados, que aderem a um padrão heterossexual, também podem ser agentes da heteronormatividade. (MISKOLCI, 2012, p. 15)

Para a pastora o decreto, na verdade, significa a “destruição da heteronormatividade” (OLIVEIRA, 2014). Ela continua: "Deixa eu falar mais claro: destruição da família tradicional” (OLIVEIRA, 2014). Ou seja, o reconhecimento e inclusão de famílias compostas por pessoas LGBTQIA+ seria uma forma de destruir a família tradicional. Logo após essa fala, Damares segue:

Meu sonho como pastora, meu sonho como mãe, meu sonho como educadora é que logo logo nós tenhamos um outro decreto presidencial nesta nação, que não fale que é para se destruir a família brasileira, meu sonho é que logo nós tenhamos um decreto presidencial que diga o seguinte: que todos os povos dessa nação chamada Brasil se levantem ao amor e à defesa da família brasileira. (OLIVEIRA, 2014)

A pastora deixa ainda mais explícito o que considera como uma família “de verdade”. Se a família tradicional corre o risco de ser destruída e Damares sonha com um decreto presidencial que não fale sobre "destruir a família brasileira", logo, a família brasileira é a chamada "família tradicional”, composta por um pai, uma mãe e filhos.

Na Cúpula da Demografia, já como ministra, ela disse que “não há como priorizar a família sem investir nas nossas crianças, respeitando sua integridade, tratando-as como crianças que são e dizemos um não bem grande, sonoro, à “ideologia de gênero””. Contrária à suposta “ideologia de gênero”, Damares discursou inúmeras vezes sobre seu perigo na educação brasileira, antes mesmo de ocupar um cargo no governo. Em culto realizado em 2016, ela apresentou o que considera ser a “ideologia de gênero”:

O que que é “ideologia de gênero”? É um grupo de pensantes que há uns 30 anos atrás descobriram que a raça humana é tão superior e que nós não podemos mais ser guiado pela nossa condição biológica, portanto, não existe mais homem e não existe mais mulher. Nós somos um ser superior, não há mais diferença entre homem e mulher. Eles dizem que ninguém nasce homem, que ninguém nasce mulher, portanto, ninguém nasce gay também. Entendeu pastor? A “ideologia de gênero” usou o movimento gay por 20 anos pra brigar contra a igreja e agora o movimento gay viu que caiu no conto porque se ninguém nasce homem, ninguém nasce mulher, ninguém também nasce gay. A “ideologia de gênero” inclusive vai retirar todos os direitos que o movimento gay conquistou no Brasil e é o objetivo da “ideologia de gênero” a desconstrução de valores, e um dos valores é a identidade biológica, não tem mais homem, não tem mais mulher e o material tá chegando nas escolas para confundir as crianças. (PROTETORES DA INFÂNCIA E FAMÍLIA, 2016)

Utilizando de forma maniqueísta os debates dos Estudos de Gênero para o grande público, Damares aponta que há uma influência no Brasil da “teoria da desconstrução”, também chamada por ela de “teoria queer”. Damares diz que a “teoria queer” já está alcançando os adolescentes ao se infiltrar no ENEM com questões com figuras feministas como Simone de Beauvoir e sua célebre frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” e em eventos para jovens universitários como o primeiro seminário da teoria queer na Universidade de Brasília (UNB) em 2015.

De acordo com Miskolci (2012) a teoria queer surge junto com os novos movimentos sociais na década de 1960 e se solidifica com o surgimento da epidemia de AIDS nos Estados Unidos. Isso acontece porque a epidemia, além de ser entendida como uma doença sexualmente transmissível, é vista “como um castigo para aqueles que não seguiam a ordem sexual tradicional” (Miskolci, 2012, p. 23) e torna-se uma reação conservadora à Revolução Sexual. A pessoa queer é considerada um abjeto, e “a abjeção, em termos sociais, constitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça uma visão homogênea e estável do que é a comunidade” (2012, p. 24). O movimento queer entende que a aceitação de seus corpos não é o suficiente e é preciso haver uma crítica à heteronormatividade, à cisnormatividade e as exigências sociais que são impostas, por vezes de maneira autoritária, sobre as pessoas queer. Para Damares, o que seria a problematização da heteronormatividade e a possibilidade de maior liberdade e segurança para as pessoas queer e da comunidade LGBTQIA+ (pois nem todos da comunidade se identificam com a identidade queer) seria, na verdade, a destruição da heteronormatividade, o que acarretaria na destruição da família tradicional e o caos em sociedade.

2.2 A ASCENSÃO DA “IDEOLOGIA DE GÊNERO” NO BRASIL

A ofensiva ao gênero foi desenvolvida dentro da ala conservadora da Igreja Católica na década de 90, com o termo “ideologia de gênero” sendo usado primeiramente em um documento da Conferência Episcopal do Peru, em 1998, mas é com o lançamento do documento “Lexicon: termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas” que as ferramentas para o combate aos avanços das minorias são oferecidas para os religiosos. O documento, ligado à doutrina do Opus Dei, defende a família tradicional e a educação sexual como assunto da família. A ofensiva ao gênero teria sido uma resposta à realização das Conferências da Mulher na década de 1990 (TORRIANI, 2020; MISKOLCI e CAMPANA, 2017) e das Conferências da ONU sobre População e Desenvolvimento (MACHADO, 2018;

SCHIBELINSKI, 2020). Foi nesse momento que o movimento feminista reivindicou pautas sobre os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres “a partir da inclusão de perspectivas de gênero nas elaborações políticas das conferências” (TORRIANI, 2020) e, com isso, a Igreja Católica começa uma ofensiva contra o conceito de “gênero”.

Isso se deu porque o gênero é:

Fundamentado na compreensão da dualidade sexual como criação divina e, portanto, imutável - ao que os questionamentos no sentido de relativizar essa dualidade representariam uma desorganização dos fundamentos da vida humana. (TORRIANI, 2020, p. 23)

Os questionamentos sobre o que é ser mulher ou homem na sociedade, sobre as diferentes formas de expressar a masculinidade ou a feminilidade, as críticas das desigualdades entre homens e mulheres e debates e avanços sobre os direitos sexuais e reprodutivos da mulher eram vistos com medo pela Igreja Católica, pois todas as noções supostamente “naturais” e vindas das “leis divinas” começavam a ser problematizadas. É neste momento que surge uma das armas mais perigosas e importantes da Igreja: a “ideologia de gênero”, a suposta responsável pela degeneração da sociedade.

A “ideologia de gênero” no Brasil aparece com destaque nas pautas educacionais. O termo, até então pouquíssimo utilizado, encontra forças na ofensiva contra o programa “Escola sem Homofobia” em 2011. O “Escola sem Homofobia” era constituído por um caderno e um kit de ferramentas educacionais que visavam promover os direitos da comunidade LGBT através do estudo sobre desigualdades de gênero, sobre a homofobia e a diversidade sexual. O programa tinha o caderno chamado “Escola sem Homofobia”, que “trazia o conceito de gênero, de diversidade sexual, de homofobia, entre outros, e em vídeos educativos” (LACERDA, 2019, p. 71). O projeto acabou se popularizando como “kit gay” por Jair Bolsonaro e o resultado da reação, principalmente da bancada evangélica, foi o recuo da presidente Dilma Rousseff sobre a distribuição do material. Após esse evento, a pauta retornou com força nas discussões sobre o Plano Nacional de Educação (PNE) em 2014. O maior problema seria a inclusão da diretriz sobre a superação de desigualdades educacionais através da promoção da igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual. A vitória dos conservadores se repetiu com a retirada das questões de gênero e sexualidade. Neste mesmo ano, o movimento Escola sem Partido também ganhou popularidade ao adotar o discurso da “ideologia de gênero” junto com o apoio da família Bolsonaro.

Mesmo não atuando no Ministério da Educação, Damares nunca deixou a pauta educacional de lado. Defensora do Escola sem Partido e da educação domiciliar, buscou ferramentas para combater as supostas “ideologia de gênero” e a “doutrinação ideológica” dentro das escolas. Em novembro de 2019 a ministra anunciou a criação de um canal para denunciar professores, modelo parecido com o canal de denúncias do site do Movimento Escola sem Partido. Ele seria utilizado contra professores que atentassem “contra a moral, a religião e a ética da família” (CANOFRE, 2019). Meses antes, em um seminário sobre suicídio, automutilação e violência contra a mulher, comentou que a “ideologia de gênero” é violência contra as crianças. [...] estamos mandando um recado que acabou a brincadeira, nossas crianças não são cobaias” (CARVALHO, 2019). Essa fala veio depois da decisão de Carlos Moisés (PSL), governador de Santa Catarina, de vetar os estudos de gênero nas escolas da rede estadual de ensino. Em novembro de 2019, o deputado federal Filipe Barros (PSL) foi recebido por Damares para a entrega de uma denúncia sobre uma palestra realizada no Colégio Hugo Simas que, de acordo com o deputado, “teve beijaço gay e denegria a Polícia” (BARROS, 2019). A palestra, na verdade, era uma peça de teatro chamada “Quando Quebra Queima”, construída por estudantes que viveram as ocupações de 2016 e agora narram como foi viver o dia a dia dentro do movimento. A polêmica começou quando uma mãe de um dos alunos denunciou nas redes sociais que seu filho estava sendo vítima de doutrinação.

Percebe-se que desde que chegou ao ministério, Damares desenvolveu “uma política de aparelhamento da pasta, escolhendo pastores e ativistas conservadoras, evangélicas e católicas, para desenvolver políticas públicas” (BIROLI; VAGGIONE; MACHADO, 2020, p. 105), além de adotar a família como eixo central das políticas públicas, indo de encontro com as recomendações da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres de adotar o gênero como eixo transversal (BIROLI; VAGGIONE; MACHADO, 2020). Não é somente neste caso que Damares prefere deixar de lado a dimensão do “gênero”. De acordo com o material coletado para este trabalho, as únicas menções sobre “gênero” de Damares são em falas sobre “ideologia de gênero”. Em outras situações, a ministra sempre dá preferência ao termo “mulher”. Isso demonstra uma rejeição total ao conceito de gênero e uma forma de demonizá-lo, pois ele só é resgatado em momentos que a ministra está discursando contra ele, seja para defender a família e as crianças ou nas elaborações de políticas públicas. Conforme Biroli, Vaggione e Machado (2020) demonstraram, Damares preferiu o termo “igualdade entre homens e mulheres” ao invés de “equidade de gênero”. Esses são alguns momentos em que a ministra Damares Alves utilizou a “ideologia de gênero” como ferramenta para exercer seu cargo de acordo com suas convicções morais e religiosas.

3 CRÍTICAS AOS LIVROS DIDÁTICOS E À EDUCAÇÃO SEXUAL

As ideias sobre a “ideologia de gênero” ganharam força, principalmente na América Latina, com a publicação do livro “La “ideologia de género”: el género como herramienta de poder” do argentino Jorge Scala, publicado em 2010 e traduzido para o português em 2011 com o título ““Ideologia de gênero”: neototalitarismo e a morte da família”. De acordo com Scala (2011), caso a “ideologia de gênero” fosse imposta na sociedade, isso resultaria na destruição do “ser humano em seu núcleo mais íntimo e simultaneamente acabaria com a sociedade” (2011, p. 11). Como forma de se espalhar e angariar apoio, a “ideologia de gênero” utiliza “os meios de propaganda e o sistema educacional formal” (2011, p. 13), esse último sendo “a chave”, de acordo com o autor, para implantar a “ideologia de gênero”. Para o autor, há várias estratégias em curso a favor do gênero e que começam “desde a escola inicial, porque “modificando a personalidade da criança desde esse nível escolar, o resto da tarefa será muito mais fácil”” (2011, p. 183).

A perspectiva de gênero busca mostrar a desigualdade de gênero na sociedade, que acarreta na violência contra a mulher, na disparidade salarial, na necessidade de políticas públicas de gênero, além de abrir o debate e a busca pelos direitos sexuais das mulheres e seu espaço dentro da sociedade. Porém, para Scala (2011) e outros defensores do discurso antigênero, a discussão sobre gênero é “lavagem cerebral” e uma forma de deturpar os papéis de gênero pré-estabelecidos, além de causar a destruição da família tradicional e, por conseguinte, da sociedade.

Como o sistema educacional formal, ou seja, a escola, é a chave para a implantação da “ideologia de gênero” de acordo com Scala (2011), é coerente que a direita cristã dará uma atenção especial para essa instituição e suas formas de ensino, denunciando e censurando tudo o que for considerado “imoral” ou “destruidor”. Damares Alves em muitos momentos fala sobre o perigo da escola para as crianças e adolescentes e de como o material didático é um dos inimigos mais perigosos a ser combatido.

Em um culto ministrado por Damares em 2016, a pastora irá alertar os pais sobre os “perigos” que as crianças estão passando dentro das escolas. Esses “perigos” vão desde uma “confusão na identidade sexual” à “desconstrução” das crianças, tudo consequência da “ideologia de gênero”. Apesar do culto ter acontecido há bastante tempo, é importante mostrar os posicionamentos de Damares sobre temas tão caros para a educação, além de verificar que seus posicionamentos se mantêm após se tornar ministra.

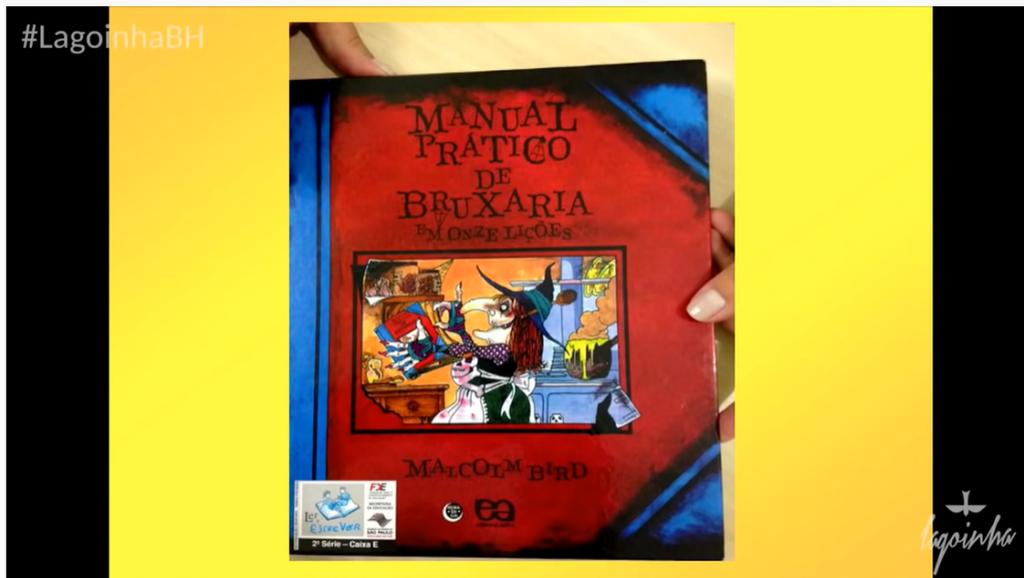
Damares começa sua pregação sobre a “ideologia de gênero” discursando que estão “confundindo a fé das crianças no Brasil” e que “as bíblias foram expulsas das escolas porque o Estado é laico”, mas essa laicidade seria somente para eles:

Nós temos duas leis agora recente irmãos que foram sancionadas recentemente. Uma em 2003 e uma em 2008 que obriga o ensino da cultura afro e da cultura indígena nas escolas. Ok, legal. [...] Mas fomos atrás do material e descobrimos que estão burlando a lei, não estão ensinando cultura afro, estão ensinando religião afro nas escolas. (PROTETORES DA INFÂNCIA E FAMÍLIA, 2016)

Como forma de provar sua denúncia, Damares mostra o livro “Elegúa” de Carolina Cunha e “Evocação” de Marcia Kupstas. “Elegúa” é um livro infantojuvenil sobre um orixá criança que gosta de aprontar e é facilmente agrado por doces ou brinquedos. “Evocação” é um livro também infantojuvenil de terror que narra a primeira experiência sobrenatural da personagem Magda na adolescência. Damares entende que leituras que envolvem religiosidades ou o sobrenatural são, então, uma prova de que não existe laicidade e esta está reservada somente aos cristãos. Porém não há qualquer denúncia, por exemplo, sobre o ensino dos deuses gregos ou romanos nas aulas de história como forma de “confundir as cabeças das crianças” por parte da pastora. A denúncia se concentra somente nas religiões afro-brasileiras e indígenas.

Damares continua o culto falando sobre um suposto ensino de bruxaria nas escolas, através da leitura de um livro chamado “Manual prático de bruxaria em onze lições” (Figura 1), de Malcolm Bird. Esse livro estaria ensinando às crianças como fazer bruxaria de verdade, além de “confundir” suas cabeças. Para Damares, é injusto o ensino da Bíblia não ser permitido nas escolas, mas ser permitido a leitura de um livro infantil que brinca sobre “como se tornar uma bruxa” através do humor.

Figura 1 — Livro “Manual prático de bruxaria em onze lições”



Fonte: Vídeo “Damares Alves 01/05/2016 “Ideologia de gênero” e livros impróprios” (2016)

Em outro momento do culto, Damares mostra algumas páginas do livro “O grande e maravilhoso livro das famílias“ de Mary Hoffman e Ros Asquith. Ao mostrar uma página em específico (Figura 2) ela comenta que “[...] esse livro também fala de nossa família, quer ver? [...] Olha a carinha do menininho da família hétero, olha lá, carinha de bobo, de retardado. Tá vendo?”. Pouco tempo depois, ela diz que os livros estão falando que a família é coisa do passado e que “[...] nossas crianças não são caipiras, nossas crianças não são retardadas. A escola não pode falar que nossas crianças são caipiras, são retardadas, nossas crianças são príncipes e princesas e são herdeiros do trono (PROTETORES DA INFÂNCIA E FAMÍLIA, 2016)”.

Figura 2 — Livro “O grande e maravilhoso livro das famílias”



Fonte: Vídeo “Damares Alves 01/05/2016 “Ideologia de gênero” e livros impróprios” (2016)

Ao usar um termo capacitista para identificar a criança da família heterossexual, Damares entende que a suposta condição da criança seria uma forma de desprezo pela família tradicional. A inclusão de uma minoria não seria uma forma de representatividade, mas sim uma zombaria com a família tradicional. Damares também traz dois personagens bíblicos, Atalia e Joás, para explicar o perigo que as crianças estão correndo. Atalia é uma personagem bíblica que não era fiel a Deus e tinha sede de poder, por isso casou-se com Jeorão, que reinou Judá até falecer e seu filho tomou seu lugar. Quando o menino morreu, Atalia mandou executar todos os seus netos, que eram descendentes de Davi. Somente um menino, Joás, conseguiu sobreviver e foi escondido por fiéis até se revelar e tomar seu lugar no trono, e com isso, Atalia foi executada. Se antes a arma usada por Atalia para alcançar Joás era uma espada, para Damares, a arma que Atalia usa hoje para alcançar ele seria “a confusão na identidade sexual, a tal da “ideologia de gênero”.”

Essa arma não estaria sendo utilizada apenas contra as crianças. Damares exemplifica duas situações de como os adolescentes e jovem também seriam “vítimas” dessa arma: o primeiro seria uma questão do ENEM de 2015 sobre Simone de Beauvoir, que utilizou a frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” e falava sobre sua contribuição para um movimento social que lutou por igualdade de gênero. De acordo com a pastora, essa questão estaria estrategicamente posta na prova como forma dos alunos “obrigarem” os professores a falar sobre “ideologia de gênero” por medo que mais questões assim aparecessem em futuras

edições do ENEM. O segundo exemplo seria nas universidades federais, como a Universidade de Brasília (UNB) sediando um seminário de teoria queer.

A “ideologia de gênero” dentro das escolas estaria até mesmo confundindo as crianças na hora de comprar brinquedos, porque os meninos estariam pedindo bonecas para seus pais ou querendo se vestir de princesas, “porque a escola tá confundindo crianças no Brasil” e “porque a escola tá falando que menino pode ser princesa no Brasil” (PROTETORES DA INFÂNCIA E FAMÍLIA, 2016). Nota-se a preocupação de que os papéis de gênero se mantenham como está determinado pela tradição cristã e que as escolas que não sigam esse pensamento estariam caindo nas garras da “ideologia de gênero”.

Para a tradição cristã, o gênero seria um assunto cristalizado por ser uma criação divina e qualquer tentativa de questionar essa visão seria uma tentativa de “brincar de Deus”. Conforme Apple (2003), a tentativa de diminuir a importância de Deus “significa nada menos do que questionar os próprios alicerces de todo o nosso mundo” (p. 191), ou seja, questionar as bases sobre as quais muitas pessoas sustentam sua moral, seus valores, suas concepções de gênero, sexualidade, política etc. Uma base é necessária para se ter equilíbrio e entender nosso lugar no mundo, mas o questionamento dessa base pode levar a um tremor, possíveis rachaduras ou até mesmo sua demolição. É compreensível o medo de questionar aquilo que nos mantém seguros e que, nessa situação, é dado como uma obra divina. Um dos problemas recai quando alguns grupos acreditam que tudo aquilo que fuja de seu modelo seja uma “depravação”, “degradação” ou a “destruição da sociedade”.

O conceito de “pânico moral” de Miskolsci (2007) explica o sentimento de medo por parte dos conservadores cristãos e como isso é usado para alimentar o discurso sobre a “ideologia de gênero”. De acordo com Miskolsci (2007) o pânico moral é um fenômeno antigo que se desenvolve cada vez mais rápido na sociedade contemporânea. Os limites morais precisam ser debatidos e renegociados constantemente, e são nessas renegociações que certos comportamentos são percebidos como “perigosos”, até que se chegue “a um consenso sobre um grupo ou categoria social”.

O pânico moral fica plenamente caracterizado quando a preocupação aumenta em desproporção ao perigo real e gera reações coletivas também desproporcionais. [...] Um exemplo é a descriminalização da homossexualidade, que obrigou àqueles que gostariam de denunciá-la como imoral a encontrar outras formas, dentre as quais se destaca o ressurgimento do temor da pedofilia. (MISKOLSCI, 2007, p. 14)

O exemplo da descriminalização da homossexualidade ilustra como o pânico moral é acionado através de estratégias diversas. Com a possibilidade do ensino de sexualidade e

gênero nas escolas, é preciso denunciar essa “imoralidade” de alguma forma, forma essa encontrada justamente na “ideologia de gênero”, que estaria impregnando as escolas e universidades, e que, de acordo com Damares e outros cristãos conservadores, “confunde” a cabeça das crianças, “erotiza” os alunos, “desconstrói os valores” das crianças e de suas famílias e cria professores “doutrinadores”.

De acordo com Biroli, Machado e Vaggione (2020) se antes os evangélicos rejeitavam a entrada na política e acreditavam que o “mal” só seria vencido com a chegada do messias, agora o discurso é sobre a “crise moral iminente” e a necessidade da entrada dos evangélicos na política porque “a salvação das crianças e da própria nação depende dos evangélicos” (BIROLI; MACHADO; VAGGIONE, 2020, p. 99). A “crise moral” mostrou para os evangélicos a necessidade de participar ativamente da vida política como forma de combater toda a “imoralidade” que estava impregnada na sociedade brasileira. Assim, Damares e muitos outros atores entram no jogo político defendendo pautas como o Escola sem Partido, a educação domiciliar, o ensino cívico-militar, o combate ao aborto e o combate à educação sexual nas escolas, a defesa da diminuição da maioridade penal e outras pautas que tenham o intuito de “salvar a sociedade”.

Em vídeo intitulado “Chega de perversão nas escolas! junto da deputada estadual Ana Campagnolo (PL), publicado em fevereiro de 2020, a ministra deixa claro: “Chega de pornografia com criança, chega de abuso sexual nas crianças no Brasil, chega de erotização de crianças no Brasil (CAMPAGNOLO, 2020)”. O vídeo é sobre o PL 302.1/2019 - Infância Sem Pornografia, formulado pela deputada e que recebe o respaldo da ministra Damares, conforme descrição do vídeo. O PL 302.1/2019 foi formulado como resposta ao governador de Santa Catarina, Carlos Moisés da Silva (PSL), por supostamente tentar introduzir a “ideologia de gênero” nas escolas catarinenses. Enquanto Campagnolo fala que o projeto não é contra a educação sexual, a ministra complementa:

Com o material certo, com o professor certo, com um profissional especializado. É isso que a gente quer. A criança tem que ter acesso ao conteúdo, mas obedecendo a especificidade de cada idade e levando em consideração a qualidade do material (CAMPAGNOLO, 2020).

Para Damares, a educação sexual, caso não seja feita da maneira correta, é comparável com a pornografia e com o abuso sexual. Mas o que seria um material adequado para Damares Alves? De acordo com a ministra, as escolas deveriam discutir a abstinência sexual.

Em entrevista para a BBC News (CARMO, 2019) em maio de 2019, ao ser perguntada se gostaria de conversar sobre a virgindade até o casamento com os jovens, ela responde:

Estamos vendo uma campanha muito grande do sexo pelo prazer, tão somente pelo prazer, mas voltar a falar do afeto, trazer o afeto para esse debate, acho que é o método mais eficiente para a não gravidez, não é a camisinha, não é o DIU, não é o anticoncepcional, o método mais eficiente é a abstinência. Por que não falar sobre isso? Por que não falar de retardar o início da relação sexual? Eu defendo essa tese. (CARMO, 2019)

De acordo com o site Aos Fatos (FÁVERO, 2020), não há evidências de que o ensino de abstinência tenha efeitos positivos na vida sexual dos jovens. De acordo com um trabalho publicado na “Health Psychology Review” que analisou uma literatura composta por 224 estudos clínicos de educação sexual na escola, a conclusão tirada foi de que:

[...] intervenções focadas em abstinência são ineficazes para promover mudanças positivas no comportamento sexual. Em contraste, intervenções abrangentes, programas focados em prevenção do HIV e clínicas nas escolas demonstraram ser efetivas em melhorar conhecimento e mudar atitudes e comportamentos e resultados relacionados à saúde. (FÁVERO, 2020)

Não se pretende dizer que a educação sexual no Brasil não necessita de aprimoramentos e investimentos. A taxa de gravidez precoce é 30% mais alta do que no resto do mundo e somente 65% dos jovens entre 13 e 17 anos falaram que usaram algum método contraceptivo na sua relação sexual, de acordo com uma pesquisa do IBGE em 2015 (FÁVERO, 2020). Ou seja, ainda temos um longo caminho para a prevenção da gravidez precoce não desejada e infecções sexualmente transmissíveis (IST). Além de acreditar que essa missão não pode ser somente da escola e é necessário políticas públicas para que esses assuntos cheguem até as famílias, a sugestão de abstinência sexual não é a melhor escolha de acordo com a ciência.

A ideia de programas sobre abstinência sexual também é apoiada por Jair Bolsonaro, que acredita que “quem ensina sexo pra criança é papai e mamãe” (SUL21, 2018). Ele é crítico da “Caderneta de Saúde do Adolescente”, criada em 2016 pelo governo Dilma, principalmente das últimas páginas, que mostram órgãos sexuais e contam com tutoriais de como colocar a camisinha feminina e masculina, utilizando ilustrações para o maior entendimento dos leitores. Para Bolsonaro, é preciso uma caderneta “com menos páginas, mais barata e sem essas figuras”, de acordo com uma live no início de 2019 (GAÚCHA ZH, 2019).

Assim, de acordo com Damares, Bolsonaro e outros atores conservadores religiosos:

[...] debater e dar informação sobre gênero e sexualidade e querer educar a população tendo em vista uma prática social de respeito entre os mais diversos corpos (sem que importe o desejo afetivo-sexual que manifestem, os genitais ou como os sujeitos se identifiquem identitariamente) é promover a infame “ideologia de gênero” (CUNHA, 2020, p. 56).

Uma das formas de informar sobre gênero e sexualidade é através dos materiais didáticos. A ofensiva contra os materiais didáticos é também parte de uma ofensiva contra a escola, principalmente pública. A direita cristã entende que a escola é um lugar perigoso porque é onde as crianças e jovens irão conviver com pessoas que podem não compartilhar dos mesmos valores de suas famílias, onde a criança poderá sofrer uma “confusão mental”, usando as palavras de Damares, onde temas como aborto, feminismo, machismo, racismo serão discutidos, onde a educação sexual acontece fora do lar etc. Essas questões causam o medo de que a escola possa “corromper” as crianças através da “ideologia de gênero”.

De acordo com Apple,

A separação entre o público e o privado é rejeitada em grande parte pela direita cristã. O que muita gente consideraria a mais privada de todas as questões - as crenças religiosas e morais - são vistas, ao contrário, como recursos cruciais para a reforma moral e a “cura” de uma sociedade como um todo. (APPLE, 2003, p. 175)

Se essas crenças religiosas e morais não estão dentro da escola, como realizar a reforma moral e a “cura” da sociedade? É preciso traçar estratégias para a concretização desse plano, acionadas pelo pânico moral, como falado anteriormente. Porém, como apontado por Apple (2003), existe um paradoxo sobre a separação entre o público e o privado para eles. Ao mesmo tempo que a separação é rejeitada, ela também não é grande o suficiente. Em questões como o aborto, a educação sexual, a vida familiar, a oração nas escolas, é preciso impedir a tentativa de controle do governo sobre a vida privada através de políticas e regulamentações.

Em síntese,

Trazer os valores “públicos” em torno de (seus) valores religiosos é bom. Trazer os valores “públicos” para (sua) esfera privada é ruim. Por conseguinte, o público pode ser bom, mas só quando é um espelho das crenças evangélicas. No entanto, uma parte da esfera pública *nunca* é boa, só ruim: a escola pública. Ele reflete o que está errado nessa sociedade sem Deus. (APPLE, 2003, p. 175-176, grifos do autor)

A ofensiva contra a escola pública é um dos motivos da educação domiciliar, que conta com o apoio da ministra Damares, estar se popularizando no Brasil, Uma das metas prioritárias dos primeiros 100 dias do governo Bolsonaro, dentro da pasta da Mulher, Família

e Direitos Humanos era justamente a regulamentação da educação domiciliar por meio de medida provisória. Para a ministra, entende-se “que é direito dos pais decidir sobre a educação dos seus filhos, é uma questão de direitos humanos” (BRASIL, 2019). O ensino domiciliar trás o que era o público, a escola, que seria o reflexo dos problemas da sociedade, para dentro de casa (o privado), onde os pais terão pleno controle sobre o que e como ensinar para seus filhos. A educação sexual, caso seja ensinada, será a partir dos conhecimentos dos pais e de sua moral. Cabe aqui uma reflexão se uma criança que tem dúvidas sobre questões sexuais ou de gênero se sentiria a vontade de perguntar sobre isso para seus pais, e se estes teriam o conhecimento necessário para responder ou mesmo se haveria repreensão sobre essas questões dentro de casa. Além disso, é importante destacar que a maior parte dos abusos sexuais contra crianças e adolescentes ocorrem dentro de casa. De acordo com o Panorama da Violência Letal e Sexual Contra Crianças e Adolescentes no Brasil (2021), 64% dos estupros de meninos e 67% dos estupros de meninas ocorrem em sua casa, e 84% dos agressores eram conhecidos das vítimas. Algumas recomendações para a prevenção desses crimes, de acordo com o documento, é a capacitação de profissionais que trabalham com crianças e adolescentes e ampliar o conhecimento das crianças para que elas saibam identificar essas violências e conheçam seus direitos. Por isso é importante que as crianças aprendam a ter autonomia e liberdade e que os pais saibam respeitar seu filho como um ser humano com direitos, e não como sua propriedade.

Scala (2011) acredita que “[...] é oferecido às pessoas a ilusão da autonomia absoluta em matéria sexual; porém, depois disso, aqueles que detém o poder real são os que escolhem - como lhes convenha - o modo com os que carece de poder poderão exercer a sexualidade” (p. 15). Essa é uma fala contraditória se observamos as ações dos atores contra a “ideologia de gênero”, que buscam justamente escolher como as pessoas podem exercer sua sexualidade através de seus valores morais e religiosos e são aqueles que atualmente detém o poder no Brasil, sendo o Presidente da República, a ministra Damare Alves e muitos outros representantes do governo contra a educação sexual nas escolas, contra o conceito de família que não seja a tradicional, contra políticas públicas de gênero, contra as discussões de gênero, sexualidade e raça em sala de aula etc. Porém, para eles, tudo isso tem o nobre objetivo de combater a “destruição da sociedade” causada pela “ideologia de gênero”.

4 A OFENSIVA CONTRA A BNCC E A COMUNIDADE LGBTQIA+

Em 2015, o Ministério da Educação (MEC) anunciou a criação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Após duas versões divulgadas, que contaram com consulta pública e seminários para debates, foi anunciada a terceira versão da BNCC, aprovada somente em 15 de dezembro de 2017. A BNCC “é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2018, p. 7, grifo do autor) e visa a “formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva [...]” (BRASIL, 2018, p. 7). A terceira versão da BNCC passou por diversas mudanças até a sua aprovação, como a supressão dos termos “gênero” e “orientação sexual”. As mudanças que acenavam para os grupos conservadores, preocupados que a “ideologia de gênero” se infiltrasse no documento, não foram o suficiente para que eles ficassem satisfeitos.

Neste clima de descontentamento, Damares Alves, junto de outros conservadores, lançaram um documento questionando os rumos da BNCC sob um viés conservador cristão. O documento foi criado junto de Orley José da Silva, co-fundador do Escola sem Partido, Sandra Lima de Vasconcelos Ramos, doutora em Educação pela Universidade do Piauí (UFPI) e Viviane Petinelli e Silva, doutora em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais e atual Secretária-Executiva Adjunta do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. O documento foi entregue ao Ministro da Educação à época, Mendonça Filho, por intermédio da Frente Parlamentar Evangélica, antes da homologação da BNCC. De acordo com o documento, a última versão da BNCC “viola preceitos constitucionais e leis infraconstitucionais relacionados à política de educação do Brasil” (DE OLHO NO LIVRO DIDÁTICO, 2018).

A análise completa se encontra no site “De olho no livro didático”, um espaço de denúncias sobre “ocorrências de doutrinação nos materiais didáticos, literários e pedagógicos”. A análise escrita pelos quatro conservadores tem como objetivos “retirar estratégias pedagógicas da “ideologia de gênero”” (DE OLHO NO LIVRO DIDÁTICO, 2018, p. 2), “eliminar todas as interferências dos direitos dos pais à educação moral dos filhos” (2018, p. 2) e “assegurar a neutralidade política” (2018, p. 2). Assim, em mais de 30 páginas de documento, diversas alterações são sugeridas em diferentes partes da BNCC.

A “ideologia de gênero” é tratada de maneira mais detalhada na segunda seção do documento, em que os autores entendem que ela “defende que a identidade sexual e a

sexualidade humana são construções pessoais, influenciadas por questões sociais e culturais, sem qualquer interferência biológica nesse processo” (DE OLHO NO LIVRO DIDÁTICO, 2018, p. 4).

De acordo com os autores, não se encontra nenhuma evidência científica sobre essa teoria e ela estaria tendo impactos negativos na sociedade, como “o aumento do número de crianças com confusão de identidade e uma taxa de suicídio mais elevada daqueles que apresentam disforia de gênero” (DE OLHO NO LIVRO DIDÁTICO, 2018, p. 4). Para eles, a disforia de gênero estaria sendo causada pela “confusão” criada na cabeça das crianças pela “ideologia de gênero”. A disforia de gênero, na verdade, é “um desconforto ou sofrimento causados pela incongruência entre o gênero atribuído ao nascimento e o gênero experimentado pelo indivíduo” (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2017, p. 3). Os suicídios de pessoas que apresentam disforia de gênero se dá, principalmente, por não conseguirem se expressar de acordo com seu(s) gênero(s), seja por questões financeiras, familiares, religiosas, psicológicas etc. Muitos pais não aceitam que seus filhos sejam trans e a sociedade brasileira ainda é extremamente transfóbica. A questão da patologização de pessoas trans também é alvo de problematizações, pois o diagnóstico facilita que a pessoa tenha acesso à recursos médicos para sua transição, como o tratamento hormonal, mas há também a crítica de que o diagnóstico continua a patologizar como doença mental, e por vezes, “o diagnóstico assassina a alma; e, algumas vezes, torna-se um fator para o suicídio (BUTLER, 2009, p. 98), além da patologização ser usada pela direita cristão como justificativa para propor medidas de “cura”. Ou seja, ainda há um longo caminho para que pessoas trans possam ter todos os recursos necessários para uma vida confortável, passando pelas esferas da saúde, da família, da educação, da sociedade. A escola, se capacitada e com autonomia, pode ser um espaço de acolhimento e liberdade, ao invés de ser um espaço em que os preconceitos são escancarados.

Conforme o Dossiê - Assassinatos e Violência Contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2020 feito pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA):

Reconhece-se que o processo de exclusão social, a marginalização, discriminação e estigmatização que se concretiza no nosso dia a dia, como as tentativas de homicídio e a violação de direitos humanos muitas vezes leva ao suicídio. (ANTRA, 2020, p. 119)

De acordo com a ANTRA (2020), dentre os fatores que contribuem com a manutenção da violência contra pessoas trans, estão a “proibição das discussões sobre gênero, sexualidade

e diversidade nas escolas” (2020, p. 19) e a “disseminação de uma política institucional anti-trans através da narrativa falaciosa de uma suposta “ideologia de gênero” (2020, p. 19).

Além da taxa de suicídio mais elevada de quem apresenta disforia de gênero, de acordo com o documento, outra preocupação de Damares é com a automutilação. Em entrevista para o programa "Em Defesa da Família" pela Tv Candidés em junho de 2018, Damares fala:

E outra coisa, que não querem que eu fale, muitos meninos estão se cortando porque estão com dúvidas nas suas identidades sexuais. Nós temos uma geração inteira falando de “ideologia de gênero”, que menino não é menino, que menina não é menina, quando eles chegam à adolescência, eles ficam tão confusos que se cortam. [...] Então assim, os desafios da família hoje são muitos. (MISSÃO MARIA DE NAZARÉ, 2018)

De novo, a culpa do sofrimento das crianças e dos jovens é posta na "ideologia de gênero” e não nas dificuldades enfrentadas por eles, como a dificuldade de acesso à informação, o preconceito familiar, a falta de acompanhamento psicológico e pedagógico, a falta de redes de apoio etc. Uma pesquisa publicada em 2018 no “Journal of Adolescent Health” feita com 129 jovens transgêneros mostrou que o uso do nome escolhido por eles ao invés do nome de nascimento foi associado com menores taxas de sintomas de depressão e de comportamentos suicidas. Trago essa pesquisa como forma de exemplificar que medidas para que pessoas LGBTQIA+ sejam aceitas e respeitadas são fundamentais para que elas se sintam pertencentes ao mundo, pois as diferenças não somem quando esses assuntos não são falados em sala de aula ou fora dela, muito pelo contrário, continuam germinando e prejudicando aqueles que não se encaixam na sociedade, ao mesmo tempo que legitima aqueles que não aceitam o diferente.

Todas as supostas menções à "ideologia de gênero” foram retiradas no documento sobre a BNCC, indo desde troca de palavras até supressão de parágrafos inteiros. As palavras em vermelho e/ou tachadas são uma forma de ilustrar o que deve ser retirado ou modificado de acordo com Damares Alves, Orley José da Silva, Sandra Lima de Vasconcelos Ramos e Viviane Petinelli e Silva.

[...] promover uma educação voltada desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e ~~diversidades~~ ~~diferenças físicas e intelectuais~~. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem ~~e de democracia inclusiva~~, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito ~~às diferenças e~~ ~~diversidades~~ [...]. (DE OLHO NO LIVRO DIDÁTICO, 2018, p. 4-5, grifos do autor)

[...] pelo reconhecimento de suas potencialidades e pelo acolhimento e ~~pela valorização das~~ pelo respeito às diferenças [...]. (DE OLHO NO LIVRO DIDÁTICO, 2018, p. 5, grifos do autor)

Também sugere-se a troca do termo “educador” por “professor”, pelo primeiro estar “imbuído de um significado político-ideológico marxista” (2018, p. 9), a exclusão das palavras “valores e princípios”, a remoção ou alteração de diretrizes sobre a discussão e problematização de “sistemas morais e religiosos dos alunos”, onde o termo “desnaturalizar” e “problematizar” (preconceitos, estereótipos, violências) é trocado por “combater”, a discussão sobre temas polêmicos (como o aborto, a sexualidade, a maioria penal) é excluída e as passagens sobre agir com base em princípios éticos e democráticos também são retiradas.

Na parte de ciências da natureza do documento, o debate sobre contracepção é excluído e as menções sobre os diferentes tipos de família nos objetivos de conhecimento da história do 1º ano são trocadas por “vínculos pessoais e as relações de amizade” ou “a vida em casa”, ao invés da “vida em família”. Nota-se a preocupação que certos tipos de configuração familiares não sejam classificados como família e essa preocupação também é vista, por exemplo, na palestra de 2014 que Damares ministrou sobre a “desconstrução da família tradicional”, em que um decreto presidencial que falava sobre reconhecer famílias LGBTQIA+ nos sistemas de informação do serviço público significava, na verdade, a “destruição da família tradicional”.

Há também exclusões no ensino da história dos povos afro-brasileiros e indígenas porque práticas religiosas estariam supostamente sendo ensinadas em nome da cultura desses povos. As menções sobre ser crítico, se comunicar de forma crítica, desenvolver pensamento crítico, ou seja, agir ou pensar de forma crítica são vetadas do documento e trocadas por palavras como “propositivo” ou “consciente”. Por último, há uma adição muito importante para os autores. Nas partes sobre evolucionismo da BNCC, eles acrescentam:

(EF09CI10) Comparar as ideias evolucionistas de Lamarck e Darwin e a teoria ~~criacionista~~ apresentadas em textos científicos e históricos, identificando semelhanças e diferenças entre essas ideias ~~e compreendendo sua importância para explicar a diversidade biológica~~. (idem, p. 349) (p. 22).

E também “(EF09CI11) Discutir ~~a evolução~~ e a diversidade das espécies com base na teoria ~~criacionista e evolucionista na atuação da seleção natural sobre as variantes de uma mesma espécie, resultantes de processo reprodutivo~~-(idem, p. 349)” (p. 23).

São os mesmos autores que falavam que a “ideologia de gênero” não tinha qualquer respaldo científico e por isso não poderia ser ensinada em sala de aula. A ideia de que a teoria criacionista¹ deveria ocupar espaço na escola também foi defendida por Damares em uma entrevista à pastora Cynthia Ferreira em 2013, em que ela diz:

A Igreja Evangélica perdeu espaço na história. Nós perdemos um espaço na ciência, quando deixamos a teoria da evolução entrar nas escolas. Quando nós não questionamos, quando nós não fomos ocupar a ciência. A Igreja Evangélica deixou a ciência sozinha, caminhar sozinha, e aí cientistas tomaram conta dessa área e nós nos afastamos. (VEJA, 2019)

Esse espaço “perdido”, ocupado agora pela teoria da evolução, está sendo ameaçado de acordo com Damares e outros atores religiosos conservadores que acreditam que o ensino sobre a teoria criacionista deveria acontecer em sala de aula. Nos Estados Unidos, por exemplo, existem grupos que tentam retirar o ensino sobre a evolução darwinista do currículo das escolas. De acordo com Apple (2003, p. 137),

A direita religiosa, populista e autoritária acredita que ela está sendo atacada. Suas tradições estão sendo desrespeitadas; a própria base de sua visão de mundo está ameaçada. As perspectivas evolutivas não são apenas um elemento entre vários no currículo que ofende os seus membros. Essas perspectivas atingem a própria essência de seu universo, embora eles mesmos talvez não compreendem muito bem sua própria história em relação às posições que adotam. (APPLE, 2003, p. 137)

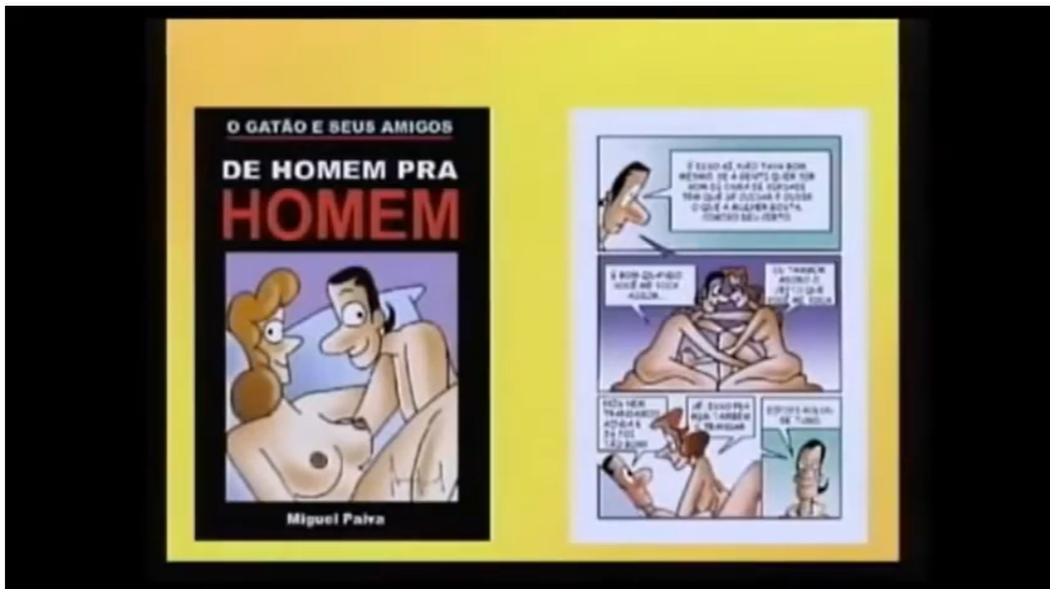
Esse ataque estaria vindo, principalmente, da escola pública e do ensino de temas que não estão de acordo com a moral e a religião dos pais. Em uma palestra numa Igreja Cristã, publicada no Youtube em julho de 2016, a pastora fez denúncias graves sobre o que as crianças estariam aprendendo nas escolas. Ela inicia mostrando que a prefeitura de São Paulo contratou um Grupo de Trabalho e Pesquisa em Educação Sexual (GTPOS) para “ensinar os educadores como masturbar as crianças” (PRIMEIRA BATISTA, 2013). Na verdade, a ONG foi contratada para ensinar educadores municipais a lidar com temas como ereção e masturbação infantil.

Damares afirma a seguir que “na Holanda eles estão até distribuindo uma cartilha ensinando os pais como massagear sexualmente as suas crianças. Isso está acontecendo no Brasil.” O vídeo ressurgiu em 2019 após a nomeação de Damares e causou muita polêmica na Holanda, com grandes jornais noticiando e repudiando as falas de Damares, assim como cidadãos holandeses.

¹ A teoria criacionista defendida por Damares se encontra nos capítulos Gênesis 1:3, Gênesis 1:4, Gênesis 1:5 e Gênesis 1 da Bíblia. De maneira resumida, é dito que o Universo foi criado por um ser divino, Deus. A criação teria durado seis dias, e no sétimo, Deus descansou.

Após essas acusações, ela indaga para a platéia: “Eu quero desafiar vocês pais, qual foi a última vez que vocês abriram a mochila da escola dos seus filhos? Qual foi a última vez que você leu e você conferiu o livro didático que seu filho está lendo e estudando na escola?” (PRIMEIRA BATISTA, 2013). Continuando sua série de denúncias, Damares mostra uma cartilha (Figura 3) que supostamente estaria sendo mostrada em sala de aula para alunos da quinta série e distribuída para escolas públicas brasileiras. Porém, a cartilha em questão foi produzida pelo Programa Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde, voltado para homens heterossexuais com mais de 30 anos e não há qualquer evidência de que tenha sido mostrada em qualquer escola do país.

Figura 3 — Cartilha “O Gato e seus Amigos”



Fonte: Vídeo “Pregação com Dr. Damares Alves” (2013).

Uma estratégia usada por Damares é mentir a idade do público alvo dessas cartilhas. Ao mostrar uma cartilha chamada “O Caderno das Coisas Importantes”, ela avisa que o material estaria sendo distribuído para crianças de 10 anos. A cartilha foi criada em 2006 pelo Ministério da Saúde e o Ministério da Educação com o Programa Saúde e Prevenção nas Escolas - Atitude para Curtir a Vida em 2006, com o apoio da UNICEF/UNESCO, e trata sobre as mudanças do corpo na adolescência e sobre sexualidade para um público de 13 a 19 anos.

Há várias denúncias de livros que tratam sobre a homossexualidade e a bissexualidade. Um livro chamado “King & King”, publicado em 2000 por Linda de Haan e Stern Nijland conta a história de dois príncipes que se apaixonam e que seriam para crianças de 2 e 3 anos

de acordo com a pastora, mas na verdade o público-alvo é de 5 a 8 anos e o livro, na época da palestra, nem contava com uma tradução em português. Em outro livro mostrado, o inimigo agora seria a exposição sobre a bissexualidade para as crianças, mas não é mostrado o título do livro ou o nome do autor, deixando sem formas de verificar se esse livro realmente foi mostrado em alguma escola ou se tem algum material prejudicial. A bissexualidade é um tema preocupante para Damares, conforme mostra sua entrevista para BBC News em maio de 2019, em que a então ministra diz que “Hoje é moda a menina de 12 anos dizer que ela é bissexual. “[...] Temos muitos estudos científicos e até te recomendo, de que a pressão social de a pessoa se declarar bissexual cada vez mais cedo” (CARMO, 2019). Esses estudos jamais foram apresentados por Damares.

Os jovens estão tendo acesso a informações sobre gênero e sexualidade com mais facilidade nos últimos anos, principalmente ao conhecer comunidades online em que pessoas se reúnem para compartilhar suas dúvidas e buscar apoio e identificação. A afirmação de ser bissexual é simplesmente uma forma do jovem entender como se relaciona com outras pessoas e se entender assim enquanto se sentir confortável dessa forma. A escola ainda é um espaço em construção para que todas as crianças se sintam realmente livres para serem quem são e para que se sintam confortáveis de se expressarem, sem medo de bullying de colegas ou represálias de educadores. Nunca houve qualquer preocupação sobre as crianças se considerarem heterossexuais ou que isso fosse somente uma moda. Enquanto as identidades fora da heterossexualidade e da cisgeneridade são consideradas como “moda” ou “confusão mental”, as identidades dentro da heteronormatividade estão longe de qualquer suspeita. O tradicional nunca é e nem pode ser questionado de acordo com certos grupos.

Como ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, os posicionamentos de Damares sobre a comunidade LGBTQIA+ são extremamente contraditórios. Apesar de algumas falas positivas sobre a população LGBTQIA+, como dizer que governo está determinado ao combate à violência e a discriminação contra pessoas LGBT, em agosto de 2019 a ministra recebeu o grupo Psicólogos em Ação, chapa que concorria à eleição para o Conselho Federal de Psicologia e defende a cura gay. Dentre as propostas da chapa estavam a revogação da Resolução nº 01/1999, que diz que nenhum psicólogo pode colabore com eventos e serviços de tratamento e cura da homossexualidade e a Resolução nº 01/2018, em que é vetado que o psicólogo tenha qualquer prática que se enquadra em terapia de conversão de pessoas trans. Junto deles estava o Movimento Ex-Gays do Brasil, composto por pessoas que se consideravam curadas da homossexualidade (AMADO, 2019).

Na conta oficial do Twitter do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos em junho de 2020 a ministra Damares afirma que “os principais lemas deste governo são 'ninguém fica para trás' e 'nenhum direito a menos', e isso inclui a população LGBT” (MULHER, FAMÍLIA E DIREITOS HUMANO, 2020). Nesse mesmo ano foi descoberto que dos R\$ 4,5 milhões para a Diretoria de Políticas de Promoção e Defesa dos Direitos LGBT, nenhum real foi gasto. A situação também é trágica em 2019, quando somente R\$ 111,6 mil de R\$ 2,6 milhões foram usados. Não há como um governo ser, ao mesmo tempo, preocupado com a população LGBTQIA+ e não investir dinheiro para políticas públicas que atendam essa população. O que acontece de verdade são falas preconceituosas, corte de investimentos e denúncias de que outros modos de ser e se relacionar, além do tradicional, estão sendo ensinados nas escolas e isso oferece perigo para as crianças.

A ligação entre a “ideologia de gênero” e a erotização das crianças foi mencionada neste trabalho a partir das falas de Damares, mas isso fica ainda mais claro na entrevista para o programa "Em Defesa da Família" pela Tv Candidés, disponibilizado pelo canal “Missão Maria de Nazaré”. Damares fala que a erotização está vindo “pela arte, pela música, pela literatura, pela escola. Material educacional com verdadeira apologia à erotização de criança” (MISSÃO MARIA DE NAZARÉ, 2018), de novo acusando os materiais escolares de estarem prejudicando as crianças. Nos minutos finais da entrevista, o entrevistador comenta que essa erotização está aumentando nos últimos tempos porque as pessoas estão ficando “mais propícias a esse tipo de coisa”. A pastora concorda e comenta sobre os programas de TV da década de 90 que mostravam adultos em quadros com teor sexual, como o quadro “Banheira do Gugu” ou a competição para escolher a nova “loira do Tchan”. Para ela,

Essa geração foi muito erotizada. Essa geração foi incentivada ao sexo, por exemplo, quando uma escola dá pra um menino de 10 anos uma camisinha [...] e leva professores indo pra sala de aula com pênis de borracha, eu tenho imagens sobre isso, ensinando crianças de 10 anos a colocar camisinha e a fazer sexo [...] essa galera, ela está erotizada. Esses meninos vão ter sexo precocemente, cresce, e vou dizer pra você, são pais. Esses pais que estão abusando hoje foi essa geração de trás que foi erotizada. Então, é um ciclo, é um ciclo. Nós vamos ter que interromper esse ciclo imediatamente (MISSÃO MARIA DE NAZARÉ, 2018).

É difícil saber se para Damares existe diferença entre a educação sexual e a erotização de crianças, mas de acordo com suas falas não parece existir uma separação clara entre esses dois assuntos que, na verdade, tem diferenças gritantes. Nesta fala, Damares entende que aqueles que foram erotizados na escola quando crianças serão aqueles que abusarão de seus próprios filhos no futuro. Esse seria o perigo da educação sexual: seria uma forma de deturpar

as mentes das crianças e fazer com que ideias pedófilas fossem inculcadas em suas mentes, causando, assim, um ciclo de abuso enquanto a sexualidade continuasse sendo ensinada e discutida em sala de aula.

O pânico moral (MISKOLCI, 2017) e seu uso no caso da homossexualidade (ao relacionar ela com a pedofilia) encontra assim uma nova vítima, sendo que a educação sexual é justamente uma das melhores ferramentas para informar as crianças sobre a importância de se protegerem e como fazerem isso. Diversos casos² mostram que graças à educação sexual dentro das escolas, muitas crianças e adolescentes puderam entender que o que acontecia com elas dentro de casa era abuso e assim tiveram um espaço de apoio para denunciar. Um desses exemplos aconteceu com uma criança de somente 8 anos em Itumbiara (GO), que percebeu que era vítima de abuso sexual por seu avô de afinidade em uma aula de educação sexual. Após a denúncia, ele foi condenado por estupro de vulnerável. Isso mostra que a educação sexual é necessária desde cedo e tem plena capacidade de se adaptar de acordo com a faixa etária dos alunos. Ou seja, a educação sexual ajuda a denunciar justamente aquilo que ela é acusada de ser, em uma ironia triste e preocupante.

² Disponíveis em:

<https://www.metropoles.com/brasil/em-aula-de-educacao-sexual-menina-denunciou-abuso-idoso-e-condenado>

<https://www.maisgoias.com.br/adolescente-denuncia-abuso-apos-participar-de-palestra-sobre-educacao-sexual-e-m-goias/>

<https://oglobo.globo.com/brasil/direitos-humanos/criancas-nao-tem-nocao-do-que-ou-nao-abuso-diz-educadora-r-espeito-da-importancia-da-educacao-sexual-nas-escolas-25415966>

<https://extra.globo.com/casos-de-policia/menina-assiste-palestra-sobre-educacao-sexual-denuncia-primos-por-estupro-no-ceara-25401450.html>

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem diversas formas de pensar sobre o que uma educação de qualidade significa, qual o papel do professor em sala de aula e quais são as melhores medidas para o desenvolvimento da educação. Para os conservadores cristãos, com foco em Damares Alves neste trabalho, a educação deve ser pautada por um ensino técnico, onde o professor deve ensinar somente aquilo que fará o aluno ser um profissional supostamente qualificado no futuro, mas essa qualificação se reduz em um ensino puramente técnico, sem levar em consideração a qualificação como profissional e cidadão ao lidar com a diversidade, com as desigualdades de gênero e a pluralidade de ideias. Os valores da família tradicional, isto é, heteronormativos e cisnormativos, devem estar acima de tudo, e os materiais didáticos precisam de constante monitoramento e censura para não trazerem ideias “prejudiciais” para as crianças. Esse monitoramento afeta principalmente os professores, que podem sofrer denúncias e até mesmo demissões ao tratar sobre certos assuntos em sala de aula, criando um clima de medo, censura e preocupação para esses profissionais que já precisavam lidar com diversos problemas em seu ambiente de trabalho. Querer exercitar o pensamento crítico dos alunos, por exemplo, já pode ser visto com desconfiança por certos grupos, que entenderão isso como uma forma de infiltrar a “ideologia de gênero” em sala de aula.

Tudo isso tem o objetivo de supostamente proteger as crianças e os adolescentes da erotização precoce, da doutrinação dos professores, dos valores destoantes do seio familiar e como forma de alavancar a educação brasileira.

Como Apple (2003) discorre em “Educando à direita”, não podemos e nem devemos menosprezar o que muitas famílias estão dizendo. As escolas não podem estar acima de críticas e precisam estar abertas ao diálogo. A violência escolar, a falta de infraestrutura, a desvalorização do professor, dentre outros problemas, não podem ser ignorados, mas as soluções para esses e outros problemas serão radicalmente diferentes para grupos diferentes, além de que os próprios problemas serão criados ou transformados de acordo com cada grupo.

A “ideologia de gênero” seria um dos grandes problemas da educação brasileira para Damares Alves. Essa ideologia estaria confundindo a cabeça das crianças, criando atritos familiares e prejudicando o crescimento dos jovens. Ao longo deste trabalho, pudemos ver que a chamada “ideologia de gênero” critica a discussão e a problematização dos papéis de gênero e das desigualdades de gênero, dos direitos sexuais da mulher e de outras questões importantes para a comunidade LGBTQIA+, como a homofobia e a transfobia, além do ensino de história afro brasileira e indígena. A discussão desses assuntos em sala de aula e a

criação de materiais sobre isso, além da capacitação de professores para falarem sobre esses assuntos, seria um perigo para a educação brasileira e um dos motivos de seu fracasso.

O que ocorre aqui é, na verdade, é a deflexão da raiz desses problemas. A taxa de automutilação das pessoas trans seria, de acordo com Damares, causada pela disforia de gênero que é “ensinada” em sala de aula, e não pelas dificuldades que as pessoas trans passam em diversas áreas de sua vida, como a falta de apoio familiar e da violência direcionada à essa comunidade. As meninas estariam se identificando como bissexuais por causa da cultura do sexo e da pressão dos colegas de escola, e não porque elas descobriram gostar de mais de um gênero por experiências diversas na vida. A educação sexual estaria erotizando as crianças e criando futuros abusadores, e não ajudando crianças e adolescentes a perceberem os abusos que sofrem, inclusive na sua própria casa, e assim criando espaços de denúncia desses abusos e acolhimento psicológico.

Além dessas estratégias de deturpação, apoiadas e disseminadas por Damares, vemos que seus posicionamentos conservadores não mudaram ao longo dos anos. Suas falas de muitos anos atrás não foram as únicas consideradas para montar seu perfil, pois acredito que isso seria injusto e impediria a possibilidade de mostrar mudanças. Porém, ao analisar suas falas mais atuais, principalmente como ministra, e suas ações enquanto tal, é possível verificar que seus posicionamentos se mantêm, mesmo com algumas falas positivas principalmente para a comunidade LGBTQIA+, mas que não são seguidas por ações que confirmem suas palavras de apoio. Suas falas positivas, por vezes, parecem até um prelúdio de que algum direito conquistado pelas minorias estará sendo revogado ou analisado de forma preconceituosa. Damares nos mostra também que ter uma mulher em posição de poder não é o suficiente. Mais importante do que ser uma mulher em um cargo político, é lutar pelos direitos das mulheres e de todas as outras minorias.

Por último, apesar dos ataques à educação mencionados neste trabalho, existe luta para que a educação democrática e plural não deixe de existir, para que os professores sejam respeitados e não criminalizados e para que as famílias, estudantes e toda a sociedade saibam que certos assuntos, por mais incômodos que possam parecer, precisam ser discutidos em sala de aula e que é possível fazer isso de forma responsável. Os preconceitos não acabam ao serem ignorados, se tornam somente mais fortes. Acredito que a esperança é uma escolha política, conforme dito por Rosana Pinheiro-Machado em seu livro “Amanhã vai ser maior”, não somente porque a esperança nos ajuda nos dias sombrios, mas também porque nos guia para um futuro em que seja possível um mundo melhor.

6 REFERÊNCIAS

- ALVES, Damares. Igreja, educação e direitos humanos: a trajetória da ministra Damares Alves. [entrevista concedida a] **Revista Veredas**. Prospecta Estratégia Educacional, 26 ago. 2020. Disponível em: <https://www.prospectaeducacional.com.br/igreja-educacao-e-direitos-humanos-a-trajetoria-da-ministra-damares-alves/>. Acesso em: 21 mar. 2022.
- AMADO, Guilherme. Damares não usou verba para políticas LGBT em 2020. **ÉPOCA**, [s./l.], 10 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/guilherme-amado/damares-nao-usou-verba-para-politicas-lgbt-em-2020-24828323>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- AMADO, Guilherme. Damares recebe movimento de 'ex-gays' no ministério e promete 'acolhimento'. **ÉPOCA**, [s./l.], 13 de agosto de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/guilherme-amado/damares-recebe-movimento-de-ex-gays-no-ministerio-promete-acolhimento-23874107>. Acesso em: 17 abr. 2022.
- ANDRADE, Eduardo Goulart de. Antes de ser ministra, Damares tentou impedir aborto em paciente com câncer. **Vice**, São Paulo, 23 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/a3bz3a/antes-de-ser-ministra-damares-tentou-impedir-aborto-em-paciente-com-cancer>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais. **DOSSIÊ: assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2022.
- APPLE, Michael W. **Educando à direita: mercados, padrões, Deus e desigualdade**. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.
- APPLE, Michael. As tarefas do estudioso/ativista crítico em uma época de crise educacional. *Pedagógica*. **Unochapecó**, v.1, n. 30, jan/jun. 2013.
- BARROS, Filipe. **Entreguei para a Ministra @DamaresAlves a denúncia pedindo providências [...]**. [s./l.], 6 nov. de 2019. Twitter: @filipebarrost. Disponível em: https://twitter.com/filipebarrost/status/1192095667012980736?ref_src=twsrc%5Etfw. Acesso em: 28 mar. 2022
- BINDE, João Luis. Fé demais não cheira bem: análise do perfil e atuação da Frente Parlamentar Evangélica (2003–2014). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.
- BIROLI, Flavia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos Machado. **Gênero, Neoconservadorismo e Democracia: Disputas e Retrocessos na América Latina**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- Bolsonaro manda recolher caderneta de saúde do adolescente e retirar imagens de prevenção a DSTs. **Gaúcha ZH**, Porto Alegre, 8 de março de 2019. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2019/03/bolsonaro-manda-recolher-caderneta-d-e-saude-do-adolescente-e-retirar-imagens-de-prevencao-a-dsts-cjt00uah801f101ujm3ok6p51.html>. Acesso em: 23 abr. 2022.

BRASIL. MEC. **Base Nacional Comum Curricular**, Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/imagens/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 29 abr. 2022.

BRASIL. **Ministra Damares defende educação domiciliar como um direito humano**.

Disponível em:

<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2019/abril/ministra-damares-defende-educacao-o-domiciliar-como-um-direito-humano>. Acesso em: 23 abr. 2022.

BRASIL. **Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-III)**. Brasília, 2009.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm. Acesso em 29 abr. 2022.

BUTLER, Judith. Desdiagnosticando o gênero. **Physis**, Rio de Janeiro, v.19, n.1, p. 95-126, 2009. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/Xg4SdtQL64jBYZgm9q4MyMH/?lang=pt>. Acesso em: 28 abr. 2022.

CAMPAGNOLO, Ana. **Chega de perversão nas escolas! | Dep. Ana Campagnolo**.

Youtube. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=OhzCbj0_-Oc&t=1s&ab_channel=AnaCampagnolo. Acesso em: 04 abr. 2022.

CANOFRE, Fernanda. Damares anuncia canal de denúncias para questões contra moral, religião e ética nas escolas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 de novembro de 2019.

Disponível em:

<https://www.clickpb.com.br/brasil/damares-anuncia-canal-para-denunciar-professores-por-atos-contra-familia-272333.html>. Acesso em: 28 mar. 2022.

CARMO, Marcia. Damares defende que escolas discutam abstinência sexual e critica Popeye.

BBC News Brasil, São Paulo, 31 maio de 2019. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48479429>. Acesso em: 6 abr. 2022.

CARVALHO, Ketryn. “Ideologia de gênero é violência contra a criança!” diz Damares Alves.

Observatório G, São Paulo, 31 de agosto de 2019. Disponível em:

<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/ideologia-de-genero-e-violencia-contra-a-crianca-diz-damares-alves>. Acesso em: 29 abr. 2022.

CHAGAS, Tiago. “Estão detonando nossas crianças e zombando dos cristãos no Brasil”, diz pastora Damares Alves. **Gospel Mais**, 29 de abril de 2013. Disponível em:

<https://noticias.gospelmais.com.br/video-zombando-cristaos-brasil-pastora-damares-alves-53325.html>. Acesso em: 28 mar. 2022.

CUNHA, Leonam Lucas Nogueira. A antipolítica de gênero no governo Bolsonaro e suas dinâmicas de violência. **Revista de Estudios Brasileños**, Salamanca, v. 7, n. 14, p.

49-61. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/reb/article/download/176467/163971/441901>. Acesso em: 12 mar. 2022.

Dameres apoia decisão de retirar estudos de gênero de escolas de SC. **Carta Capital**, São Paulo, 30 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/dameres-apoia-decisao-de-retirar-estudos-de-genero-de-escolas-de-sc/>. Acesso em: 28 mar. 2022

Dameres diz que Igreja perdeu espaço nas escolas para Teoria da Evolução. **Veja**, São Paulo, 9 de janeiro de 2019. Política. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/dameres-diz-que-igreja-perdeu-espaco-nas-escolas-para-teoria-da-evolucao/>. Acesso em: 22 mar. 2022.

Especialistas conservadores questionam BNCC. **De olho no livro didático**, 15 de novembro de 2018. Disponível em: <https://deolhonolivrodidatico.blogspot.com/2018/11/uma-analise-sobre-versao-homologada-da.html>. Acesso em: 21 mar. 2022.

'Eu Escolhi Esperar', que defende abstinência como programa de governo, já prepara livros didáticos para escolas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/eu-escolhi-esperar-que-defende-abstinencia-como-programa-de-governo-ja-prepara-livros-didaticos-para-escolas-1-24176490>. Acesso em: 28 mar. 2022.

FÁVERO, Bruno. Como a ciência contradiz os planos de Dameres para estimular a abstinência sexual entre jovens. **Aos Fatos**, Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/como-ciencia-contradiz-os-planos-de-Dameres-para-estimular-abstinencia-sexual-entre-jovens/>. Acesso em: 12 mar. 2022.

FERREIRA, Paula; GRANDELLE, Renato. Bolsonaro sugere que pais rasguem páginas sobre educação sexual de Caderneta de Saúde da Adolescente. Brasil. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 de março de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-sugere-que-pais-rasguem-paginas-sobre-educacao-sexual-de-caderneta-de-saude-da-adolescente-23506442>. Acesso em: 14 mar. 2022.

FONSECA, Bruno; SILANO, Ana Karoline. Dameres deixa entender que considera Travestis e Transexuais "mulheres-piratas". **Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros**, Piauí, 29 de agosto de 2019. Disponível em: <http://www.fonatrans.com/2019/08/dameres-deixa-entender-que-considera.html>. Acesso em: 28 mar. 2022.

MACHADO, Maria das Dores. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 2, 2018.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 101-128, 2007.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n. 3, setembro/dezembro 2017.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

Missão Maria de Nazaré. **A ideologia de gênero no Brasil (PARTICIPAÇÃO DE DRA. DAMARES ALVES)**. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ShcuGFpjVLs&ab_channel=Miss%C3%A3oMariadeNazar%C3%A9. Acesso em: 17 mar. 2022.

MULHER, FAMÍLIA E DIREITOS HUMANOS. **"Os principais lemas deste governo são 'ninguém fica para trás' [...]**. Brasília, 28 de jun. de 2020. Disponível em: <https://twitter.com/mdhbrasil/status/1277218685913104384>. Acesso em: 14 abr. 2022.

OLIVEIRA, Arolde de. **Desconstrução da família tradicional - Pra. Damares Alves (Parte 1)**. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TuwFBb0W-eo&list=PLy-0YvkkYtgTvDRsvlQi3iFmOpY_O8aMv&index=22&t=3s. Acesso em: 16 mar. 2022.

PINHEIRO-MACHADO. Rosana. **Amanhã vai ser maior** - o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Editora Planeta, 2019.

Poder360. **Damares Alves discursa durante Cúpula da Demografia**. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=G2JRUBgAvco&list=PLy-0YvkkYtgTvDRsvlQi3iFmOpY_O8aMv&index=13&t=2s&ab_channel=Poder360. Acesso em: 16 mar. 2022.

PORTINAREI, Natália; SASSINE, Vinicius. **ÉPOCA**, 31 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/a-historia-de-lulu-kamayura-india-criada-como-filha-pela-ministra-damares-alves-23416132>. Acesso em: 21 mar. 2022

Primeira Batista. **Pregação com Dr. Damares Alves**. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BKWc0sUOvVM&t=1s&ab_channel=PrimeiraBatista. Acesso em: 24 mar. 2022.

Protetores da Infância e Família. **Damares Alves 01/05/2016 Ideologia de gênero e livros impróprios**. Youtube.. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9_PSmCR_r_o&list=PLy-0YvkkYtgTvDRsvlQi3iFmOpY_O8aMv&index=18&t=544s&ab_channel=ProtetoresdaInf%C3%A2nciaeFam%C3%ADlia. Acesso em: 16 mar. 2022.

PUTTI, Alexandre. Damares recebe grupo de ex-gays e psicólogos que defendem a cura LGBT. **Carta Capital**, São Paulo, 8 de agosto de 2019. Diversidade. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/damares-recebe-grupo-de-ex-gays-e-psicologos-que-defendem-a-cura-lgbt/>. Acesso em: 15 mar. 2022.

“Quem ensina sexo é papai e mamãe”, diz Bolsonaro ao criticar “ideologia de gênero” no Enem. **Sul21**, [s./l.], 10 de novembro de 2018. Disponível em: <https://sul21.com.br/ultimas-noticiaspolitica/2018/11/quem-ensina-sexo-e-papai-e-mamae-diz-bolsonaro-ao-criticar-ideologia-de-generono-enem/>

RUSSEL, Stephen; POLLITT, Amanda; LI, Gu; GROSSMAN, Arnols. Chosen Name Use Is Linked to Reduced Depressive Symptoms, Suicidal Ideation, and Suicidal Behavior Among Transgender Youth. **Journal of Adolescent Health**, [s./l.], v. 63, n. 4, p. 503-505, 2018.

Disponível em: [https://www.jahonline.org/article/S1054-139X\(18\)30085-5/fulltext](https://www.jahonline.org/article/S1054-139X(18)30085-5/fulltext). Acesso em: 17 abr. 2022.

SCHIBELINSKI, Diego. “Isso é coisa do capeta!”: o papel da “ideologia de gênero” no atual projeto político de poder. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 14, n. 28, p. 15-38, 2020.

Sociedade Brasileira de Pediatria. **Guia Prático de Atualização** - Departamento Científico da Adolescência, Disforia de Gênero. [s./l.], n. 4, junho de 2017. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Fwww.sbp.com.br%2Ffileadmin%2Fuser_upload%2F19706c-GP_-_Disforia_de_Genero.pdf&cflen=672108&chunk=true. Acesso em: 13 abr. 2022.

TORRIANI, B. D. **Patriarcado atualizado**: uma análise da campanha religiosa conservadora ao gênero na educação. Mestrado em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

UNICEF. **Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil. Brasília**, out 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/panorama-da-violencia-letal-e-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-no-brasil>. Acesso em: 25 abr. 2022.

VILA-NOVA, Carolina. Ministra Damares Alves agiu para impedir aborto em criança de 10 anos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 setembro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/09/ministra-damare-alves-agiu-para-impedir-aborto-de-crianca-de-10-anos.shtml>. Acesso em: 25 mar. 2022.

VIVAS, Fernanda. 'Estado é laico, mas esta ministra é terrivelmente cristã', diz Damares ao assumir Direitos Humanos. **G1**, 2 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/02/estado-e-laico-mas-esta-ministra-e-terrivelmente-crista-diz-damare-ao-assumir-direitos-humanos.ghtml>. Acesso em: 20 mar. 2022.